

**ENCONTRO DE *Trichodectes canis*, NO CÃO DOMÉSTICO (*Canis familiares*),
EM RECIFE.**

SEBASTIÃO JOSÉ DO NASCIMENTO
Prof. Assistente do Dep. de Medicina Veterinária
da UFRPE.

ANA MARIA CAVALCANTI NASCIMENTO
Prof. Assistente do Dep. de Biologia da UFRPE.

MARIA HELENA COSTA CRUZ DE OLIVEIRA
Prof. Assistente do Dep. de Biologia da UFRPE.

*Focalizada a presença do *Trichodectes canis* em dois caninos que foram levados ao Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) a fim de descobrir a causa dos processos dermatológicos e anêmico, existentes nos referidos animais.*

INTRODUÇÃO

Recorrendo-se com insistência aos princípios propedêuticos clínicos, atender-se-á na Clínica Médica, de modo mais agradável, tanto para o animal como para o seu proprietário, não esquecendo nunca dos exames subsidiários, as análises laboratoriais que são na maioria das vezes, decisivos, no diagnóstico, prognóstico e à terapêutica indicada. Não se devendo por hipótese alguma, receitar a medicação após única e exclusivamente inspeção direta, mas após os exames clínicos indispensáveis, rotineiros e se necessário, os complementares, que sempre auxiliarão em descobertas de cunho científico.

REVISÃO DE LITERATURA

FAUST⁷ et alii, nos seus estudos sobre Dipilidíase, dizem que o piolho do canino *Trichodectes canis* é tido como hospedeiro apropriado para o *Dipilidium caninum*, transmitindo esse cestódio de canino a canino e possivelmente até o ser humano. ZIMMERMANN (1937) citado por FAUST⁷ et alii, considera que não se trata da espécie *D. caninum*, mas da espécie *D. sexcoronatum*. VENARD (1938), citado por FAUST⁷ et alii, afirma que a espécie *D. sexcoronatum* é sinônimo de *D. caninum* e neste caso o *Trichodectes canis* é hospedeiro sem dúvida do *D. caninum*.

BORCHERT³ diz que o mallophaga *Trichodectes canis* que parasita o cão, o macho mede 1,4 mm de comprimento e a fêmea 1,5 mm tem cor amarela clara com manchas mais escuras, dizendo ainda que o hospedeiro intermediário para o *Dipilidium sexcoronatum* é o malófago *Trichodectes latus*, único a oferecer condições ao desenvolvimento para a oncosfera do cestóide.

BENBROOK & SLOSS¹, esplanando a respeito de piolhos mordedores dos mamíferos na América do Norte, citam o *Trichodectes canis* encontrados nos caninos, coiotes e lobos naquele País.

SMYTH¹⁵, falando sobre cestóides afirma que, o *Dipilidium caninum* tem como hospedeiro intermediário entre outros insetos o *Trichodectes canis*.

D'ANCONA⁶, no estudo do cestóida *Dipilidium caninum* afirma que este helminto na sua forma larvária, também chamada "cisticercóide", vive na pulga do canino (*Ctenocephalides canis*) ou mesmo no piolho (*Trichodectes canis*) desse animal.

GELORMINI⁹, na apresentação do capítulo sobre "Ptiríase" considera o *Trichodectes canis* como um dos agentes etiológicos, tendo o macho 1,5 mm e a fêmea 2 mm, sendo encontrados em 20% dos caninos examinados.

BOERO², esplanando a pediculose provocada por mallophaga e anoplura, incrimina o *Trichodectes canis* como uma espécie comum aos caninos.

BORROR & DELONG⁴ citam o *Trichodectes canis* como fazendo parte de algumas pragas importantes dentro do grupo dos malófagos.

PESSOA¹³, no seu tratado de Parasitologia Médica, afirma que larvas de "cisticercóides", com numerosos acúleos, podem ser encontradas no piolho do canino (*Trichodectes canis*), mas que é também observada na sua pulga (*Ctenocephalides canis*) e que o homem poderá se infectar deglutindo casualmente esses insetos.

SOULSBY¹⁷ fala sobre o *Trichodectes canis*, como sendo também chamado *Trichodectes latus* (sinônimos) e é sensível ao hexaclorociclohexano (BHC) e ao diclorodifeniltricloroetano (DDT).

CORRÊA⁵, narrando sobre *Dipilidium caninum*, dá como hospedeiro intermediário as pulgas do canino (*Ctenocephalides canis*), a pulga do gato (*Ctenocephalides felis*), a do homem *Pulex irritans* que também parasita o canino e o malófago do cão *Trichodectes canis*.

LEITÃO¹¹, na explanação da Tricodetose ou Malofagose cita o *Trichodectes canis* com 1,5 mm, amarelado, com cabeça mais larga do que comprida e hospedeiro intermediário do *Dipilidium caninum*, sendo sensível ao DDDT ou clordone em pó, a 5% ou mesmo em banho ou ainda spray a 0,5%.

REY¹⁴, na sua apresentação sobre *Dipilidium caninum* diz que os ovos desse helminto devem ser ingeridos por larvas de pulgas ou pelo piolho do canino *Trichodectes canis* para eclodirem e formarem os cisticercos.

MORAES¹² et alii, falam que a espécie *Trichodectes canis* macho, apresenta um tamanho menor que a fêmea, com dimorfismo sexual nas antenas. A fêmea tem o seu abdome largo, mas posteriormente mais arredondado que no macho. É importante por ser hospedeiro intermediário do *Dipilidium caninum*, cuja larva cisticercóide se desenvolve no referido malófago.

SOULSBY¹⁶ assegura que o piolho do canino *Trichodectes canis*, é também incriminado como hospedeiro intermediário do *Dipilidium caninum*, e com maior frequência do que o *D. sexcoronatum*.

FREITAS⁸ et alii, declaram que a espécie *Trichodectes canis*, pode servir de hospedeiro intermediário para o *Dipilidium caninum*, cestóide do cão e ocasionalmente do ser humano.

LAPAGE¹⁰ incrimina o *Trichodectes canis* como sendo o mais comum do canino na Grã Bretanha, medindo o macho 1,74 mm e a fêmea 1,92 mm, afirmando ainda que essa espécie encontra-se também no gato (*Felis cattus*) novo em mal estado de nutrição.

MATERIAL E MÉTODOS

O ectoparasito discutido neste caso, foi verificado em dois caninos de 32 dias e 6 anos de idade respectivamente, que foram ao Hospital Veterinário do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com fim determinado de banir problemas dermatológico e anêmicos, que enfraqueciam os animais envolvidos no caso, ao mesmo tempo que oprimiam seus proprietários.

RESULTADOS

Após a anamnese dos caninos de 32 dias e 6 anos da idade, foi feita inspeção direta e verificado que os animais, encontravam-se altamente infestados por um pequeno ectoparasito que, macroscopicamente se dizia ser um piolho qualquer. Foram feitas colheitas do material em ambos animais e encaminhadas ao Departamento de Biologia da UFRPE, que classificou o parasito como sendo *Trichodectes canis*. (Figura 1).

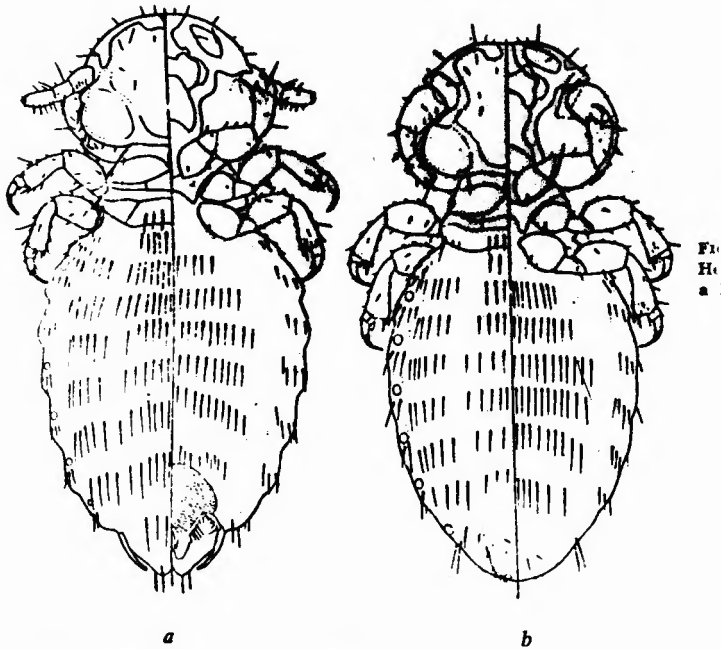


Figura 1 — *Trichodectes canis*: a) fêmea e b) macho.

DISCUSSÃO

O veterinário ao se aproximar do indivíduo doméstico, ou mesmo aquele animal que de selvagem passou à vida de “ente domado”, deve munir-se de todo desvelo, uma vez que sua vida pode propalar-se no perigo de contrair a mesma morbidez difundida no ser examinado. Equivale esta observação para o caso em questão, pois o *Trichodectes canis*, ou ainda o *Ctenocephalides canis* (Pulga do canino), ocasionalmente poderão ser deglutidos pelo homem e este infectado pelas larvas cisticercóides existentes no interior dos malófagos citados, segundo PESSOA¹³ no seu tratado de Parasitologia Médica, concordando essa asseveração com FREITAS⁸ et alii, quando dizem que o *Dipilidium caninum* é cestóide do canino e ocasionalmente do indivíduo humano; como também falam FAUST⁷ et alii, referindo-se ao dano causado pela “Dipilidíase”, cujo hospedeiro intermediário é o *T. canis*, transmitindo possivelmente o mal ao homem.

Comparando-se os achados dos diversos autores, nota-se uma diferença de opinião em ZIMMERMANN (1937), citado por FAUST⁷ et alii, considerando que não se trata da espécie *D. caninum* mas, *D. sexcoronatum* o cestóide veiculado pelo *T. canis*.

VERNARD (1938), citado por FAUST⁷ et alii, afirma que o *T. canis* é hospedeiro do *D. caninum* e é sinônimo de *D. sexcoronatum*.

BORCHERT³ diz que o *T. canis* macho mede 1,4 mm e a fêmea 1,5 mm e são de coloração amarela clara, comparação esta que pode ser feita com a verificação de LEITÃO¹¹, que dá a mensuração de 1,5 mm para o *T. canis* sem especificação sexual, afirmação que concorda em parte com GELORMINI⁹, em sua citação para o *T. canis* macho 1,5 mm e 2 mm para a fêmea, mas não é concorde esta afirmativa com LAPAGE¹⁰ relacionando-se ao *T. canis* macho ao qual o autor deu uma mensuração de 1,74 mm e para a fêmea 1,92 mm, mensurações estas conforme as encontradas nesta pesquisa. MORAIS¹² et alii, falam que o *T. canis* apresenta um tamanho menor que o da fêmea, mas sem o tamanho evidenciável, como FREITAS⁸ et alii que também não anunciam a mensuração do parasito. SOULSBY¹⁶ assegura que o piolho do canino *T. canis* é incriminado como hospedeiro intermediário do *D. caninum* e com maior frequência do que o *D. sexcoronatum*, discordando com BORCHERT³ que diz ser hospedeiro intermediário do *D. sexcoronatum*, o malófago *T. latus*, único a oferecer condições ao desenvolvimento para a oncosfera do cestóide, discordando portanto de SMYTH¹⁵, mas concorda com muitos outros autores, entre eles D'ANCONA⁶ e BENBROOK & SLOSS¹ afirmando ser realmente hospedeiro do *D. caninum* o *T. canis*. BOERO², explanando sobre pediculose provocada por malófagos e anoplura fala do *T. canis* como espécie de inseto comum aos caninos, sem mais referências. REY¹⁴, BORROR & DELONG⁴ citam este parasito fazendo parte de algumas pragas importantes dentro do grupo dos malófagos, mas não se referem ao tipo de afecção. SOULSBY¹⁷ fala sobre o *T. canis*, como sendo também chamado *T. latus* (sinônimos) e assevera que o *T. canis* é sensível ao hexaclorociclohexano (BHC) ou mesmo ao diclorodifeniltricloroetano (DDT), afirmação esta, confirmada por LEITÃO¹¹, ao falar do DDT como exterminador do *T. canis*. BENBROOK & SLOSS¹ falam do *T. canis* encontrado em vários carnívoros, entre eles o canino, mas não se referem em nenhuma outra anotação.

ABSTRACT

Focalized the presence of the *Trichodectes canis* in two dogs that were removed to the Veterinary Hospital of the Veterinary Medicine Department of the Pernambuco Rural Federal University (UFRPE), in order to discover the cause of the dermatological and anemic process, existent in the reported animals.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — BENBROOK, E. A. & SLOSS, M. W. *Parasitologia clínica veterinária*. México, Ed. Continental, 1965. 430 p.

- 2 – BOERO, J. J. *Parasitosis animales*. Buenos Aires, Ed. Universitária, 1967. 523 p.
- 3 – BORCHERT, Alfred. *Parasitologia veterinária*. Zaragoza, Ed. Acribia, 1964. 745 p.
- 4 – BORROR, D. J. & DELONG, D. M. *Introdução ao estudo dos insetos*. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1969. 653 p.
- 5 – CORRÊA, O. *Doenças parasitárias dos animais domésticos*. Porto Alegre, Sulina, 1971. 348 p.
- 6 – D'ANCONA, D. *Tratado de zoologia*. Montivideo, Ed. Labor, 1966. 1054 p.
- 7 – FAUST, E. C.; RUSSELL, P. F.; LINCICOHE, D. R. *Parasitologia clínica*, 2. ed. México, UTEHA, 1961. 1056 p.
- 8 – FREITAS, M. G.; COSTA, H. M. A.; COSTA, J. O. *Manual de entomologia médica e veterinária*. Belo Horizonte, Cooperativa Veterinária de Consumo, 1973. 188 p.
- 9 – GELORMINI, N. *Enfermidades parasitárias em veterinária*. Barcelona, Ed. Libreria, 1967. 395 p.
- 10 – LAPAGE, Geoffrey. *Parasitologia veterinária*. Chile, Ed. Continental, 1974. 790 p.
- 11 – LEITÃO, J. S. *Parasitologia veterinária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971. v. 2.
- 12 – MORAES, R. G.; LEITE, I. C.; GOULART, E. G. *Parasitologia médica*. São Paulo, Liv. Atheneu, 1971. 509 p.
- 13 – PESSOA, S. B. *Parasitologia médica*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1969. 943 p.
- 14 – REY, Luis. *Parasitologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1972. 695 p.
- 15 – SMYTH, J. D. *Introducción a la parasitología animal*. México, Ed. Continental, 1965. 430 p.
- 16 – SOULSBY, E. J. L. *Helminths, arthropods & protozoa of domesticated animals*. 6. ed. London, Baillière, 1969. 834 p.
- 17 – —. *Textbook of veterinary clinical parasitology*. Oxford, Blackwell Scientific Publ., 1972. v. 1.